



Dialogismo e tensividade

Conrado Moreira Mendes*

Resumo: Neste artigo, articula-se a noção de dialogismo, advinda das teorias do Círculo de Bakhtin, com o conceito de tensividade, desenvolvido no âmbito da semiótica de vertente tensiva. Propõe-se que, em se tratando do *fait divers*, relações dialógicas, que constituem qualquer dizer, sobredeterminam a expectativa, o *querer-saber*, do enunciatário desse gênero do discurso, tornando-a mais intensa, tônica. Para verificar tal proposta, apresenta-se um diálogo do relato sobre o Caso Isabella Nardoni, televisionado pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, com dois contos dos Irmãos Grimm (2012) e com a tipologia do romance policial, prevista por Todorov (2006). Pelo que se pode demonstrar por meio das análises realizadas, relações dialógicas – do âmbito do interdiscurso – repercutem no intradiscursos em termos de tensividade, isto é, de gradientes de intensidade e extensividade.

Palavras-chave: Dialogismo, Tensividade, *Fait-divers*, Semiótica midiática

Introdução

No presente artigo, procura-se demonstrar a articulação entre a operacionalidade de dois conceitos de distintos campos teóricos: o *dialogismo* e a *tensividade*. O primeiro se refere às teorias do Círculo de Bakhtin; o segundo, por sua vez, remete à semiótica de vertente tensiva, desenvolvida principalmente por Claude Zilberberg. No primeiro caso, a ênfase é posta no interdiscurso/intertexto. No segundo, nas relações intradiscursivas que engendram o sentido dos textos. Propõe-se, assim, a seguinte hipótese: em se tratando do *fait divers*¹, diferentes discursos que circulam socialmente, ao estabelecer diálogo com esse gênero discursivo, sobredeterminam a expectativa, o *querer-saber*, do enunciatário, tornando-a mais intensa, mais tônica.

Para corroborar tal proposta, empreende-se uma

análise do relato do Caso Isabella Nardoni², compreendido sob a rubrica do *fait divers*, veiculado pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo, de modo a estabelecer uma interlocução com dois contos dos Irmãos Grimm (2012) e ainda com o que Todorov (2006) chama de tipologia do romance policial. O artigo, primeiramente, apresenta uma pequena revisão dos conceitos supracitados para, em seguida, fazer com que os referidos enunciados dialoguem, com vistas a evidenciar a relação entre *dialogismo* e *tensividade*.

1. Dialogismo

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, o dialogismo é compreendido como princípio essencial da linguagem e se refere ao intercruzamento de discursos no interior de enunciados³, realizados num contexto concreto de

* Docente do Mestrado em Letras da UninCor e da PUC-MG Poços de Caldas. Endereço para correspondência: (conradomendes@yahoo.com.br).

¹ *Fait divers* são notícias que não se enquadram nas editorias jornalísticas tradicionais (política, economia, internacional, cultura, etc.). Em geral, tratam de mortes, agressões, fenômenos sobrenaturais, em suma, do inesperado, do contingente. O *Grand Dictionnaire Universel du XIXe siècle*, de Pierre Larousse (1866-1875. p. 58), define-o da seguinte maneira: “Sob essa rubrica, os jornais agrupam com arte e publicam regularmente todo tipo de notícias que correm pelo mundo: pequenos escândalos, acidentes de carros, crimes hediondos, suicídios por amor [...], criança com três olhos, anões extraordinários, etc.”. Barthes (1964, p. 194), por sua vez, define o *fait divers* como “uma informação monstruosa”.

² No ano de 2008, a menina Isabella Nardoni, de cinco anos, foi brutalmente assassinada pelo pai, Alexandre Nardoni, e pela madrasta Anna Carolina Jatobá. O caso teve repercussão nacional.

³ Para Barros (1994, p. 1), “[a definição bakhtiniana de enunciado] aproxima-se da concepção atual de texto. O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico”. Fiorin (2008, p. 52), por sua vez, marca a diferença entre texto e enunciado ao dizer: “enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação”. Ainda segundo Fiorin (2008, p. 21), unidades da língua – do sistema – diferenciam-se de enunciados porque estes são sempre “a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos”.

uso⁴. Diálogo, nesse sentido, não deve ser entendido (apenas) como comunicação face a face, sendo essa apenas uma de suas modalidades:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 127).

Por essa perspectiva, entende-se o diálogo num sentido amplo, pois a palavra de um é sempre atravessada pela palavra do outro. Bakhtin, no entender de Barros (1994, p. 2), “concebe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso”. Numa famosa passagem de sua obra, o autor russo assevera que somente um Adão mítico poderia produzir um discurso inédito, não perpassado por outros discursos:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de todo o discurso vivo. Em todos os seus caminhos, o discurso encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra no mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (Bakhtin, 1988, p. 88).

Acrescenta-se ainda que os enunciados constroem-se dialogicamente sobre outros enunciados, tendo, assim, um caráter responsivo:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados [. . .]. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes [. . .]: ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. [. . .] Por isso, cada enunciado é pleno de atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da

comunicação discursiva (Bakhtin, 2011, p. 297).

Portanto, um enunciado retoma, refuta, reafirma, está em acordo ou em desacordo com outros discursos que circulam na sociedade. Um texto, seja verbal, não verbal ou sincrético, sempre se orienta em direção a outros enunciados de forma responsiva, estabelecendo, desse modo, uma relação contratual ou polêmica. Neste caso, nega-se ou diverge-se em algum grau de outros enunciados com os quais se relaciona. Naquele, constitui-se uma relação de concordância entre enunciados. Cabe dizer, entretanto, que sempre que se estabelece uma relação dialógica contratual entre dois enunciados, nega-se o dizer dos outros enunciados cujas vozes são dissonantes e vice-versa.

Por isso, pela perspectiva bakhtiniana, o sujeito deixa de ser o centro do discurso, e é sempre atravessado por, pelo menos, duas vozes sociais, que o constituem como sujeito histórico e ideológico. Dialogismo define-se, portanto, como “as relações de sentido entre diferentes enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 320), ou, ainda, na leitura de Barros (1994, p. 3), “o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto”.

Cabe ressaltar que a natureza dialógica da linguagem não se refere a apenas enunciados acabados. Igualmente, por tal princípio, enunciados se constituem em relação aos anteriores e posteriores, de forma responsiva, numa cadeia comunicativa incessante. Por isso, para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 128), “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta”.

Após a retomada de alguns elementos teóricos sobre dialogismo, far-se-á uma relação desse com a semiótica tensiva, aqui tomada juntamente com a semiótica clássica.

2. Tensividade

Desenvolvida em complemento à semiótica clássica, a vertente tensiva da semiótica estabelece um instrumental teórico-metodológico para o estudo de fenômenos textuais/discursivos cujas principais características são a gradação (da ordem do contínuo) e a primazia do afeto, a intensidade, sobre os estados de coisas, a extensividade. Assim, juntamente com uma semiótica clássica que prioriza o descontínuo – as oposições semânticas de base, as conjunções e disjunções do nível narrativo, as relações de pressuposição entre as fases da narrativa etc., a partir de uma lógica implicativa –, estabelece-se uma semiótica centrada no

⁴ “Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)” (Bakhtin, 2009, p. 95).

⁵ “Enquanto a psicanálise afirma uma anterioridade insuperável da afetividade, que reduz o presente à condição de um rebento, uma hipotipose mal dissimulada do passado remoto do indivíduo (o chamado ‘recalque’), nós, de nossa parte, pensamos a afetividade na sincronia, como um conjunto de funções descritíveis, analisáveis e sobretudo ‘gramaticalizáveis’” (Zilberberg, 2011, p. 27; itálicos nossos).

acontecimento, no sobrevir, na concessão, no sensível constituído de forma sincrônica⁵ ao discurso. Trata-se de uma “gramática do afeto”, para fazer uso da meta-linguagem de Zilberberg (2011). Tais perspectivas de abordagem do texto e do discurso – a semiótica clássica e a semiótica tensiva – não se opõem, podendo ser tomadas de forma conjunta. Nas palavras do referido semioticista, “a ‘casa do sentido’ é vasta o bastante para acolher tanto o contínuo, quanto o descontínuo, mesmo porque nem este nem aquele fazem sentido por si mesmos, mas apenas por sua colaboração” (Zilberberg, 2011, p. 16).

Considere-se ainda a seguinte afirmação de Greimas (1983, p. 50) acerca da semiótica clássica: “a estrutura actancial aparece cada vez mais como apta a dar conta da organização do imaginário humano, projeção de universos coletivos tanto quanto individuais”. Pode-se afirmar, na esteira do autor, que se encontram cristalizadas na cultura algumas formas narrativas. Em outras palavras, a estrutura actancial depreendida pelo semioticista lituano parece subjazer ao imaginário coletivo. É possível dizer ainda, estabelecendo uma interlocução com a perspectiva bakhtiniana, que, por meio de relações dialógicas, um enunciado é sempre marcado por vozes de outro que o antecede, numa constante cadeia comunicativa, pois “a retomada da palavra do outro é constitutiva de qualquer discurso” (Discini, 2004, p. 11). Assim, é possível afirmar que a estrutura em que se baseia o imaginário humano também constitui-se dialogicamente.

É possível ainda trazer essa discussão para o campo da tensividade, e, de forma específica, para um tipo relativamente estável de enunciados sob a alcunha de *fait divers*. Ao se considerar o *fait divers* como gênero do discurso, que reúne um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional (Bakhtin, 2011, p. 261-306), pode-se dizer que relações de sentido entre enunciados incidem sobre a expectativa do enunciatário desse gênero discursivo⁶, tornando-a mais intensa. Isto é, em termos modais, o enunciatário pode se ver mobilizado por um *querer-saber* mais ou menos tônico.

Veja-se, na seção analítica, como tais conceitos – *dialogismo* e *tensividade* – podem ser articulados.

3. Análise

Dois contos de fada dos Irmãos Grimm (2012), dos quais se depreende o motivo da crueldade da madrasta, estabelecem relação dialógica com o Caso Isabella Nardoni. Considere-se um trecho de “A Gata Borralheira”:

Era uma vez um homem rico que viveu feliz com sua mulher por muito tempo e juntos tiveram uma única filha. Um dia a mulher adoeceu [...] e morreu [...]. Seu pai se

casou novamente. Mas a madrasta já tinha duas filhas de seu primeiro marido, bonitas de aparência, mas orgulhosas, pretensiosas e más de coração. Depois do casamento, as três foram morar na mesma casa e a vida se tornou dura para a pobre criança. “O que esta menina inútil e desagradável está fazendo aqui? Vá para a cozinha que lá é seu lugar!”, disse a madrasta, e acrescentou: “Ela será nossa criada e terá de ganhar o pão com seu trabalho diário. Então, suas irmãs postiças lhe tiraram os lindos vestidos [...]. E, assim, debochando, mandaram-na para a cozinha. E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente. [...] À noite, extenuada, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da chaminé, junto às cinzas do borralho. E, como estava sempre suja por ficar dormindo nas cinzas e na poeira, deram a ela o nome de Gata Borralheira” (Grimm; Grimm, 2012, p. 116-117).

Seja ainda o seguinte excerto de “O pé de zimbro”:

Muito tempo atrás, há cerca de dois mil anos, vivia um homem rico cuja mulher era bela e devota e o casal se amava muito, mas não tinha filhos. Como queriam muito tê-los, a mulher rezava noite e dia para ganhá-los, mas por mais que quisessem, eles não vinham. Em frente à casa, havia um jardim em que crescia um pé de zimbro. Num dia de inverno, a mulher estava debaixo da árvore descascando uma maçã e, ao descascá-la, cortou o dedo e o sangue pingou na neve [...]: “Como eu queria ter um bebê vermelho como o sangue e branco como a neve”. Assim que disse isso, ela sentiu uma alegria em seu coração, como se fosse acontecer alguma coisa [...]. Quando nasceu um bebê branco como a neve e corado como o sangue, [...] ao vê-lo, ela ficou tão feliz que morreu. O marido a enterrou debaixo do pé de zimbro e chorou muito. Assim foi por um tempo, até que as lágrimas começaram a atenuar-se [e] ele casou-se novamente. Ele teve uma filha com a segunda mulher [...]. Quando a mulher olhava para a própria filha, sentia afeto; já quando olhava para o menino, sentia um aperto no coração, como se ele sempre fosse ficar em seu caminho [...] até que o ódio tomou conta dela e ela começou a tratar o menino muito mal. [...] O menino surgiu à porta e o Diabo a fez ser simpática com ele e ela disse fitando-o com os olhos raivosos:

⁶Sobre o *fait divers* pela ótica dos gêneros discursivos, veja-se: Mendes, Conrado Moreira. *Fait divers*, um gênero do discurso. *Recorte*, v. 11, p. 1-14, 2014.

“Meu filho, quer uma maçã?” [...] e abriu a pesada tampa do baú. “Pegue uma maçã aqui de dentro!”. Quando o pequeno se curvou sobre o baú, o Diabo a aconselhou e pum! Ela bateu a tampa, decependo a cabeça do menino, que rolou entre as maçãs (Grimm; Grimm, 2012, p. 220-222).

Pelo que se pode observar, em ambos os contos, o sujeito “madrasta” é modalizado pela paixão da malevolência, concebida em termos de sintaxe modal como um *querer fazer* mal. No primeiro conto, a madrasta faz de criada a filha do primeiro casamento do marido, isto é, na função actancial de sujeito do fazer que lhe cabe, faz com que o sujeito do estado “Gata Borradeira” passe da conjunção à disjunção com o objeto-valor “boas condições de vida”. Em “O pé de zimbro”, por seu turno, o sujeito do fazer malevolente “madrasta” faz com que o sujeito do estado “enteado” passe da conjunção à disjunção com o objeto-valor “vida”.

Apresenta-se, agora, uma análise do Caso Isabella Nardoni, televisionado pelo *Jornal Nacional*, para que se possa, dialogicamente, estabelecer relações entre tal enunciado com os contos supracitados. Segundo narrou o referido telejornal em 01/05/2008,

Uma vizinha da família Nardoni disse à polícia que Anna Carolina [Jatobá] disputava a atenção do marido. Chegava a tirar Isabella do colo do pai para ela própria, Anna Carolina, sentar-se no colo dele, mesmo com a menina chorando.

No trecho acima, Isabella cumpre a função de antissujeito, pela perspectiva do sujeito do fazer, actorializado por Anna Carolina Jatobá. Em 06/05/2008, o noticiário relata a versão do promotor que acompanhava o caso:

Francisco Cembranelli não fala em motivação, mas sim nas circunstâncias em que o crime ocorreu. “Houve uma discussão relacionada a ciúmes. No meio da discussão, a menina foi ferida. Imediatamente, outras agressões foram praticadas, culminando com o lançamento pela janela”, afirmou.

Pelo fragmento transcrito, de forma um pouco distinta dos contos apresentados dos Irmãos Grimm, a madrasta em questão é inicialmente modalizada pela paixão do ciúme, ou seja, nas palavras de Greimas e Fontanille (1993, p. 171): “uma relação intersubjetiva

complexa e variável [...]: o temor de perder o objeto só se compreende aqui em presença de um rival ao menos potencial ou imaginário, e o temor do rival nasce da presença do objeto de valor que funciona como pivô”.

Assim, do ponto de vista do sujeito “Anna Carolina Jatobá”, a ameaça da conjunção com o objeto-valor “amor/atenção do marido”⁷ desencadeia a paixão da malevolência. Em função dessa modalização passional, executa-se um programa narrativo no qual ao ator do enunciado Anna Carolina Jatobá corresponde tanto à função actancial de destinador-manipulador quanto à de sujeito do fazer, enquanto a Alexandre Nardoni cabe o papel actancial de sujeito do fazer. Esse sujeito malevolente promove a transformação no sujeito do estado “Isabella Nardoni”, que passa da conjunção à disjunção com o objeto-valor “vida”.

Assim, acerca dos três textos apresentados, pode-se depreender a existência de um sujeito do fazer modalizado pela malevolência, o qual concretiza, no nível discursivo, o motivo⁸ da crueldade da madrasta. Dessa maneira, o mesmo motivo se repete tanto nos contos dos Irmãos Grimm, quanto no Caso Isabella Nardoni. Cristalizada pelos contos de fada, a imagem da madrasta invariavelmente má é acionada pelo ator do nível discursivo “Anna Carolina Jatobá”. Essa relação dialógica, ainda que de forma inconsciente, estabelece-se entre o caso enfocado com estereótipos arraigados da cultura popular, aqui, representados pelos contos dos Irmãos Grimm.

Por conseguinte, por meio do motivo da crueldade da madrasta, relacionam-se conteúdos de enunciados, de modo a fazer repousar o Caso Isabella Nardoni sobre outras narrativas que constituem o imaginário humano. Assim, a *dramatis personae*, para fazer uso da expressão de Barthes (1964, p. 197), a qual se encarrega de dar vida a um estereótipo, retoma conteúdos semelhantes de outros enunciados que passam a dialogar com o Caso Isabella Nardoni. Dessa maneira, por meio de relações dialógicas, a ideia de uma sanção negativa a que invariavelmente as madrastas dos contos de fada são submetidas, por serem sujeitos malevolentes, passa a sobredeterminar a expectativa do enunciatário em relação à punição da madrasta.

Portanto, a partir das relações de sentido entre os referidos enunciados, o *querer-saber* do enunciatário sobre o Caso Isabella Nardoni se tonifica, efeito só explicável em termos tensivos. Assim, convergindo a semiótica clássica e sua vertente tensiva com o conceito de dialogismo, explica-se parcialmente a manutenção do interesse do telespectador implícito do *fait divers* em questão, cuja cobertura jornalística foi ininterrupta nos três primeiros meses que sucederam a morte de

⁷Em razão da modalização pelo ciúme, o sujeito “Anna Carolina Jatobá” não percebe, no entanto, a natureza dos objetos-valor em jogo, que são diferentes em virtude do investimento temático: Alexandre Nardoni é marido para ela, mas pai para Isabella Nardoni. Assim, por não se dar conta da diferença do investimento temático entre tais objetos, Anna Carolina Jatobá disputa-o com a enteada.

⁸Como afirmam Greimas e Courtés (2008, p. 323): “o motivo surge como uma unidade do tipo figurativo, que possui [...] um sentido independente de sua significação funcional em relação ao conjunto da narrativa em que se encontra”.

menina. Por meio de relações dialógicas, portanto, modaliza-se o enunciário por um *querer-saber* intenso, tônico. Assim, pelo que se procurou demonstrar, elementos da ordem do interdiscurso incidem naqueles do intradiscurso, uma vez que modula a tonicidade da modalidade do *querer-saber* do enunciário.

Passa-se, agora, à segunda parte da análise, em que se aproximam o gênero romance policial e o referido infanticídio noticiado pelo *Jornal Nacional*.

O romance policial, cuja tipologia foi estabelecida por Todorov (2006), permite que se observe outra relação dialógica com o Caso Isabella Nardoni. Barthes (1964, p. 198) nota a relação entre romance policial e o *fait divers* quando afirma:

Quanto ao crime misterioso, conhece-se sua fortuna no romance popular; sua relação fundamental é constituída por uma causalidade diferida: o trabalho policial consiste em preencher de trás para frente o tempo fascinante e insuportável que separa o acontecimento de sua causa; o policial, emanação da sociedade inteira sob a forma burocrática, torna-se então a figura moderna do decifrador de enigmas.

Todorov (2006, p. 94), ao propor uma tipologia do romance policial, mostra que o romance de enigma ou romance policial clássico possui, invariavelmente, duas histórias: a do crime e a do inquérito (Todorov, 2006, p. 95). Assim, o policial ou o detetive, por meio de indícios, busca recriar as circunstâncias e as causas que motivaram um crime: “As cento e cinquenta páginas que separam a descoberta do crime da revelação do culpado são consagradas a um lento aprendizado: examina-se indício após indício, pista após pista” (Todorov, 2006, p. 95).

O Caso Isabella Nardoni, tal como o romance de enigma, possui duas histórias. A primeira é a do assassinato; a segunda se refere ao inquérito. A busca das razões que motivaram o crime, da identidade dos assassinos e das circunstâncias da morte da criança fizeram da cobertura midiática desse *fait divers* uma espécie de romance policial televisionado. Dia após dia, indício após indício, declaração após declaração, a história do inquérito ia (re)construindo a história do crime.

Por essa perspectiva, pode-se estabelecer uma relação dialógica entre o romance policial e o Caso Isabella Nardoni, já que o enunciário, tal como no romance de enigma, é modalizado por um *querer-saber* intenso, movido pela obstinação, que se tonifica a cada edição do noticiário. Para Greimas e Fontanille (1993, p. 63), essa paixão se define como a disposição de um sujeito “em estado de continuar a fazer [...] apesar de X”. No caso do romance policial, em que pesem todas as dificuldades, o enunciário *quer-saber* cada vez mais

intensamente até o ponto da saturação, ou seja, até quando é revelada a identidade do criminoso e quando é feita a descrição minuciosa de como agiu.

Vê-se, nesse caso, que as modalidades e modalizações, pertencentes ao nível narrativo, também são passíveis de serem tomadas a partir de um ponto de vista tensivo, em que um *querer-saber* pode ser mais ou menos intenso, o que explicaria, via tensividade, o “excedente modal” a que se referem, várias vezes, os autores de *Semiótica das paixões*.

Os trechos das reportagens sobre o Caso Isabella Nardoni, televisionadas pelo *Jornal Nacional*, que se apresentam a seguir, visam a demonstrar as relações entre o caso em pauta e o referido gênero romanesco. Em 09/04/2008, o *Jornal Nacional* leva ao ar a seguinte reportagem, da qual se lê este excerto:

Desde a morte de Isabella, 11 dias atrás, 37 pessoas prestaram depoimento. Outras 19 devem ser ouvidas esta semana. “Não tem um depoimento que se destaca em relação aos demais, mas sempre eles estão se complementando, sempre um dando credibilidade ao outro, sempre um corroborando o outro”, declarou a delegada Renata Helena Pontes. A delegada que comanda as investigações disse que já está perto de montar toda a cena do crime. “A gente já tem 70% referente à dinâmica, ao ferimento, aonde que aconteceu, enfim, tudo o que foi feito lá dentro até o final, até o óbito. Não sei se vai ser possível chegar a 100%, mas a gente quer chegar o mais próximo da realidade”.

Em 10/04/2008, o noticiário afirma: “A polícia espera esclarecer dados ainda obscuros na investigação com a quebra do sigilo telefônico de parentes de Isabella”. Em 11/04/2008, noticia-se:

Ainda há várias perguntas não esclarecidas: a que horas o casal chegou? Quanto tempo se passou entre a chegada e a queda de Isabella? De quem é o sangue encontrado no apartamento? Qual foi a causa da morte da menina? Asfixia, queda ou a combinação dos dois? “Não posso falar mais nada”, disse a delegada.

O programa jornalístico do dia seguinte dá sequência ao enigma: “ ‘A gente tem que aguardar os laudos, reinquirição, reconstrução e aí o caso vai estar finalizado’, disse a delegada Renata Pontes”. Dessa forma, edição após edição do *Jornal Nacional*, vai-se intensificando um *querer-saber* capaz de manter intacta a intensidade do fato semiótico em questão, ou, ainda, é capaz de, por meio do recrudescimento, tornar o intenso ainda mais intenso, até chegar à saturação.

O enunciatório “telespectador” só consegue atenuar a intensidade desse *querer-saber* quando Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá passam à condição de acusados pela polícia, conforme mostra a edição de 19/04/2008:

Houve diferenças nas versões de Alexandre e Anna Carolina, tanto na comparação dos dois depoimentos de ontem e hoje de madrugada, quanto com relação ao primeiro relato que fizeram à polícia. Alexandre e Anna Carolina responderam às mesmas perguntas. O questionário de 50 itens fez o pai falar durante oito horas. O homem chorou várias vezes ao ver o álbum de fotos da filha. A madrasta de Isabella foi interrogada por cinco horas, principalmente sobre o que aconteceu depois do crime. Anna Carolina, que saiu de casa chorando, não se emocionou em nenhum momento na delegacia. Antes de assinar, os dois gastaram quatro horas conferindo o que haviam dito aos policiais. *No final, foram formalmente acusados de homicídio doloso e triplamente qualificado, ou seja, segundo a polícia paulista, o casal matou a garota com intenção, por motivo infame e brutal, usando crueldade e sem dar chance de defesa à vítima* (itálicos nossos).

Entretanto, o campo de presença do sujeito semiótico “telespectador” era novamente tonificado a cada novo detalhe que surgia em edições seguintes, ao qual deu-se o nome de *microacontecimento* (MENDES, 2013). Exemplo disso é a edição do noticiário de 21/04/2008, que afirma:

Há indícios que reforçam a convicção de que Isabella foi asfixiada na sala: a quantidade de sangue encontrada perto do sofá demonstra que a menina ficou parada ali e o rastro de gotas de sangue, mais intenso na entrada, diminui no caminho para o quarto, o que indica que a menina já estava desmaiada quando foi levada na direção da janela. Outras conclusões dos legistas: a coagulação do sangue no ferimento que Isabella tinha na testa demonstra que ela foi machucada pelo menos dez minutos antes de ser jogada. Essa informação coincide com o laudo da perícia, que encontrou sangue de Isabella no carro da família, o que indica que a menina foi ferida antes de subir para o apartamento.

Em 01/05/2008, o mistério começa a ser finalmente desvendado:

O relatório mostra a versão da polícia para o crime e, segundo a delegada, levou em conta o laudo do Instituto de Criminalística, lesões

observadas na vítima e depoimentos de testemunhas. A primeira conclusão é que as agressões começaram no carro da família. Segundo o relatório, Anna Carolina Jatobá feriu Isabella na testa, com um instrumento não identificado. A madrasta segurava esse instrumento com a mão esquerda, virou-se para trás e alcançou o rosto da menina. A delegada diz que houve sangramento, gotejando sangue no assoalho, atrás do banco do motorista, na lateral esquerda do carrinho do bebê e um esfregaço, uma espécie de borrão de sangue na parte posterior do banco do motorista. [...] O relatório final sobre o caso menciona o fato de duas pessoas terem ouvido gritos de criança chamando o pai, pouco antes da queda de Isabella. A delegada Renata Pontes afirma: por causa das lesões, Isabella não podia gritar. Portanto, a voz era do irmão de Isabella, de três anos, que queria que o pai intercedesse no momento em que a menina estava sendo asfixiada. E completa: sendo assim, se deduz que a pessoa que apertou fortemente o pescoço da vítima foi Anna Carolina Jatobá. A delegada Renata Pontes não indica o motivo do crime, mas afirma, no relatório, que há provas robustas de que Alexandre Nardoni jogou Isabella pela janela. As principais são as marcas da rede na camiseta de Alexandre e as marcas do chinelo que ele usava que ficaram num lençol.

Em 02/05/2008, o *Jornal Nacional* completa: “A conclusão: a morte foi de causa violenta, por asfixia mecânica e politraumatismo causado pela queda”. Em 06/05/2008 o noticiário mostra que “o promotor Francisco Cembranelli [que acompanhava o caso] foi categórico: Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá mataram Isabella”.

Assim, conforme se apontou, o Caso Isabella Nardoni pode ser relacionado dialogicamente com o romance policial, especificamente, com o romance de enigma, pela tipologia de Todorov (2006). O *não-saber* em torno dos assassinos, da motivação e das circunstâncias da morte de Isabella Nardoni configuram a mesma estrutura desse tipo de romance, razão pela qual cria-se um *querer-saber* cada vez mais intenso, que é somente atenuado com o desvendar do crime.

4. Considerações finais

Tratou-se aqui do conceito de dialogismo, relacionando-o com o de tensividade, que, por sua vez, se considerou complementar à semiótica clássica. A primeira relação dialógica entre o Caso Isabella Nardoni com dois contos dos Irmãos Grimm (2012) “A Gata Borralheira” e “O pé de zimbro” ocorre porque há uma temática comum entre os dois tipos de enunciado: o motivo da crueldade da madrasta.

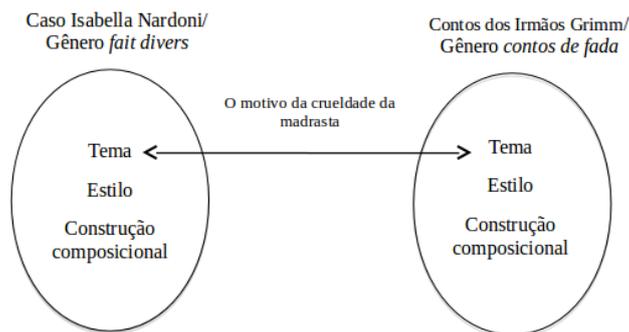


Figura 1
Fait divers e contos de fadas

No segundo caso, a relação dialógica entre o referido caso e o romance de enigma (Todorov, 2006) dá-se porque existe uma estrutura composicional seme-

lhante, isto é, a história do crime e a história do inquérito/investigação. Considere-se, ainda, o esquema a seguir:

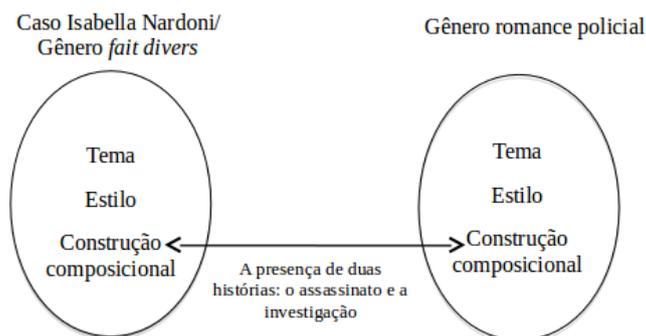


Figura 2
Fait divers e romance policial

Para concluir, retoma-se o pensamento de Bakhtin sobre o dialogismo, segundo o qual um enunciado – aqui, o Caso Isabella Nardoni – constitui-se tendo como base outros enunciados, tais como os contos dos Irmãos Grimm e o romance de enigma. Nesse sentido, cria-se uma malha cultural de discursos que se entrecruzam e circulam socialmente: o interdiscurso. Este, por sua vez, relaciona-se com o intradiscurso, porquanto dota o enunciatário de um conhecimento e familiaridade com inúmeros gêneros do discurso com os quais estabelece relações dialógicas. Como se viu, no tocante ao Caso Isabella Nardoni, os gêneros contos de fada e romance policial, pertencentes à esfera do interdiscurso, sobredeterminam o interesse e gerenciam a atenção do enunciatário do referido *fait divers*, incidindo, pois, no intradiscurso, uma vez que

intensificam um *querer-saber*.

Procurou-se, considerando as perspectivas teóricas apresentadas, demonstrar a articulação entre os conceitos de dialogismo e tensividade, evidenciando o papel do interdiscurso no que se refere ao engendramento dos sentidos do intradiscurso. Assim, por meio de relações dialógicas, o enunciatário tem um *querer-saber* modulado por gradientes de intensidade e extensidade, explicáveis pela ótica tensiva. ●

Referências

- Bakhtin, Mikhail
1988. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Hucitec/Annablume.

- Bakhtin, Mikhail
2011. *Estética da criação verbal*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, Mikhail; Volochínov
2009. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
1994. Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin, *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: EDUSP.
- Barthes, Roland
1964. *Essais critiques, Essais critiques*. Paris: Seuil.
- Discini, Norma
2004. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg Claude
2001. *Tensão e significação*. Tradução de I. C. Lopes; L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Humanitas.
- Greimas, Algirdas Julien
1983. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Éditions du seuil.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1993. *Semiótica das paixões*. Tradução de M. J. R. Coracini. São Paulo: Ática. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini.
- Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm
2012. *Contos maravilhosos infantis e domésticos - Tomo 1 [1812]*. Tradução de C. Röhrig. São Paulo: Cosac Naify.
- Houaiss, Antônio; Villar, Mauro de Salles
2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.
- Larousse, Pierre
1866-1875. *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle. Vol. 8*. Paris: Librairie Classique Larousse et Boyer, P. 58.
- Mendes, Conrado Moreira
2013. *Semiótica e mídia: uma abordagem tensiva do fait divers*. 282 f. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Nacional, Jornal
Site. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/>. Acesso em: jun. 2008.
- Todorov, Tzvetan
2006. *As estruturas narrativas*. Tradução de L. Perrone-Moisés. São Paulo, Perspectiva.
- Zilberberg, Claude
2011. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.

Dados para indexação em língua estrangeira

Mendes, Conrado Moreira
Dialogism and tensivity
Estudos Semióticos, vol. 10, n. 2 (2014)
ISSN 1980-4016

Abstract: *In this paper, we articulate the idea of dialogism, which comes from theories of Bakhtin Circle, with the concept of tensivity, developed in the field of tensive semiotics. In our view, in the case of fait divers (feature story), dialogic relations, that constitute any discourse, overdetermine the enunciatee's want-to-know (expectation), making it more intense, tonic. To verify our proposal, we relate the Isabella Nardoni case, broadcasted by the Brazilian TV news, Jornal Nacional, with two tales of Brothers Grimm (2012) and also with the typology of detective fiction, proposed by Todorov (2006). From what we can demonstrate through the analysis, dialogical relations - belonging to the scope of interdiscourse - reverberate in intradiscourse with respect to tensivity, that is, by gradations of intensity and extensity.*

Keywords: *Dialogism, Tensivity, Feature story, Media semiotics*

Como citar este artigo

Mendes, Conrado Moreira. Dialogismo e tensividade. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 10, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2014, p. 45-52. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 03/Fevereiro/2014

Data de sua aprovação: 16/Setembro/2014
